

O papel da preservação arquitetônica na busca de uma identidade local – o caso de Rubens Gil de Camilo em Campo Grande/MS

Autor: Gilfranco Medeiros Alves*

Co-autor: Juliana Couto Trujillo**

*Possui graduação em Arquitetura e Urbanismo pela UFPEL/RS (1994), Especialista em Design de Interiores pela UNIDERP/MS (2006) e Mestrando em Estudos de Linguagens pela UFMS. Atualmente é professor no Curso de Arquitetura e Urbanismo da UNIDERP- Anhangüera e também sócio da Alves e Trujillo Arquitetura Ltda, atuando na área de Arquitetura e Urbanismo, com ênfase em projetos de arquitetura. Filiado ao IAB/MS desde 2004.

**Possui graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Estadual de Londrina (1995) e mestrado em Estudos de Linguagens pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (2008). Atualmente é docente da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Tem experiência na área de Arquitetura e Urbanismo, com ênfase em Patrimônio Histórico atuando principalmente nos seguintes temas: arquitetura, desenho urbano, semiótica, representação e cidade. Filiado ao IAB/MS desde 2004.

Endereço pra Correspondência:

Rua Amazonas, 1189/ 203

Bairro São Francisco

CEP: 79010-060

Campo Grande – MS

Tel.: 67 3029 0757

gilfranco@alvesetrujillo.com.br

O papel da preservação arquitetônica na busca de uma identidade local: o caso de Rubens Gil de Camillo em Campo Grande/MS

Rubens Gil de Camillo, formado pela Faculdade de Arquitetura da Universidade Mackenzie (FAUM) em 1960, mudou-se para Campo Grande em 1980 onde passou a desenvolver projetos nas áreas de edificação e planejamento urbano e regional, dentre os quais se destacam, o edifício da Federação das Indústrias do Mato Grosso do Sul (FIEMS), o Centro de Convenções do Estado (MS), a Escola SENAI de Várzea Grande (MT), além de numerosos edifícios, escolas, hospitais, residências e núcleos de produção rural. Sua obra já foi exposta em mostras coletivas e individuais, como na “Semana Brasileira de Arquitetura” em Buenos Aires (1983), na mostra “Tradição e Ruptura” em São Paulo (1984), e na Bienal Latino-Americana de Buenos Aires (1985), sendo um dos arquitetos que levou ao Centro-Oeste do país os conceitos da chamada escola paulista. Ele próprio se definia como um arquiteto intuitivo – com grande influência de Frank Lloyd Wright e Le Corbusier, além de Oscar Niemeyer, Vilanova Artigas e Zanine Caldas – e acreditava que sua principal característica estivesse na elaboração dos espaços internos, preocupação desde os tempos de estudante. Seus projetos eram concebidos na tentativa de estabelecer um conceito regional que pudesse aliar a tradição às novas tendências mundiais. Se por um lado, trabalhava com certo romantismo nos projetos residenciais, como na Casa do Barco em Maranduba/SP, apontada por Bruand (1981), por outro, nos projetos destinados ao uso comercial e institucional, a postura do arquiteto mudava, como se ao projetar acontecesse uma separação clara entre o racionalismo do trabalho e o ato de viver em família. A preocupação de criar uma linguagem arquitetônica característica do estado, adequados ao modo de vida da população e dos aspectos físicos e bioclimáticos, fez com que sua obra ocupasse destaque na produção modernista brasileira. Deste modo, ao se pensar em Mato Grosso do Sul, um estado relativamente novo (em termos de emancipação política e desenvolvimento) que ainda busca a essência de sua identidade local, o papel da preservação do trabalho de Rubens Gil de Camillo torna-se extremamente importante no sentido de reforçar as qualidades culturais e ambientais específicas do lugar. O trabalho aqui resumido apresenta as relações entre essa arquitetura e o espaço urbano na formação desta identidade.

PALAVRAS-CHAVE: arquitetura moderna; preservação arquitetônica; identidade.

O papel da preservação arquitetônica na busca de uma identidade local: o caso de Rubens Gil de Camillo em Campo Grande/MS

Um arquiteto paulista no estado do pantanal

Rubens Gil de Camillo, formado pela Faculdade de Arquitetura da Universidade Mackenzie (FAUM) em 1960, atuou desde este período no eixo São Paulo – Mato Grosso. Mudou-se em 1980 para Campo Grande, onde passou a desenvolver projetos nas áreas de edificação e planejamento urbano e regional, entre os quais se destacam, o edifício da Federação das Indústrias do Mato Grosso do Sul (FIEMS), o Centro de Convenções do Estado ou Palácio Popular da Cultura, a Escola SENAI de Várzea Grande (MT), o Terminal Rodoviário de Campo Grande (obra inacabada), além de numerosos prédios residenciais, como os edifícios Arpoador e Ipanema (que têm os jardins projetados pelo paisagista Roberto Burle Marx), escolas, hospitais, residências e núcleos de produção rural. Sua obra já foi exposta em mostras coletivas e individuais, como a “Semana Brasileira de Arquitetura” em Buenos Aires em 1983, a mostra “Tradição e ruptura” em São Paulo em 1984, e na Bienal Latino-Americana de Buenos Aires em 1985. Foi Arquiteto Emérito da Medalha do Sistema CREA/CONFEA em 1997, docente nos Curso de Arquitetura e Urbanismo da UNIDERP, em Campo Grande e na UNIGRAN, na cidade de Dourados/MS e fundou em 1987, a seção local da ASBEA sendo seu primeiro presidente.

De acordo com matéria publicada na Revista AU¹, no final dos anos 1970, com a criação do Estado de Mato Grosso do Sul, Rubens Gil de Camillo decide instalar seu escritório na Rua Antônio Maria Coelho, em Campo Grande, marcando sua opção profissional por radicar-se definitivamente na capital de uma região que possui na pecuária e na agricultura a base de sua economia. A partir desta decisão, o escritório *De Camillo Arquitetos Associados* realizou pelo menos 80 projetos arquitetônicos, com apoio de uma equipe de onze profissionais, tendo à frente, além dele próprio, outros dois arquitetos: Ronaldo Navarro Gondim e Rubens Fernando Pereira de Camillo, um de seus filhos arquitetos.²

¹ Revista Arquitetura e Urbanismo nº 21, Editora PINI, Dez/1988- Jan/1989.

² Seu outro filho arquiteto, Gil Carlos de Camillo, também possui atuação relevante em Campo Grande, com obras importantes como o Centro de Atendimento ao Cidadão de 2008, publicado na Revista AU e no site: <http://www.arcoweb.com.br/arquitetura/gil-carlos-de-camillo-15-01-2009.html>

Pode-se dizer que Rubens Gil de Camillo foi um dos arquitetos que levou ao Centro-Oeste do país os conceitos da chamada *escola paulista brutalista*.³

Arruda (2002) comenta que a respeito dos quarenta anos dedicados à arquitetura, o paulista Rubens Gil de Camillo “foi um dos mais famosos arquitetos de Campo Grande”, e que “seu desejo era ter feito engenharia nos anos 50, mas seu gosto pelo desenho encaminhou-o para a arquitetura”.

Rubens Gil de Camillo muda-se como profissional para Campo Grande em 1980. Até então, desde formado, fazia projetos para Campo Grande de seu escritório em São Paulo. Seu primeiro projeto na cidade foi a obra do Banco do Povo, na Rua Barão do Rio Branco, em 1961 e foi a primeira vez que se usou vidro temperado em obra em Campo Grande. Embora tenha vivido em São Paulo no período do brutalismo na arquitetura seus primeiros projetos em Campo Grande eram de uma arquitetura comercial. A obra da sede do SESI, da Av. Afonso Pena, foi o seu primeiro projeto arrojado e modernista. Sua fase de arquitetura da escola brutalista paulista, em Campo Grande, dá-se nos anos 70, com o uso de concreto aparente e muito vidro (ARRUDA, 2002).

Rubens Gil definia a si próprio como um arquiteto intuitivo – com grande influência de Frank Lloyd Wright e Le Corbusier, além de Oscar Niemeyer, Vilanova Artigas e Zanine Caldas entre outros – acreditava que sua principal característica estivesse nos espaços internos, preocupação desde os tempos de estudante, quando trabalhava com arquitetura de interiores. Nesses prédios, quase sempre num volume único, usava o concreto aparente, considerado como a melhor opção, mesmo diante da realidade da região.

Se por um lado, projetava com essa ênfase modernista nos projetos destinados à arquitetura comercial/institucional, por outro, nos projetos residenciais havia certo romantismo e a postura do arquiteto Rubens Gil mudava, como se ao projetar acontecesse uma separação clara entre o racionalismo do trabalho e o ato de viver em família.

Trabalhava na tentativa de estabelecimento de um conceito regional, que poderia aliar a tradição às novas tendências mundiais. Sobre esta questão, dizia:

Em nossa concepção, a casa mato-grossense deve unir o regionalismo com as técnicas disponíveis. Ou seja, o romantismo associado aos grandes telhados, assoalhos, pedras, etc., materiais adequados ao nosso clima, que devem se fundir com o vidro, o aço. Assim, não negamos o progresso, mas também não esquecemos do aconchego, do bom astral do material “in natura”, da madeira, do barro, da pedra.” (CAMILLO, s/d).

³ Segundo Ruth Verde Zein, “Diferentemente da “arquitetura brasileira” da escola carioca, a “arquitetura brasileira” que se desdobra sob influência do brutalismo paulista a partir de meados dos anos 1950 até pelo menos o começo dos anos 1980 nunca chegará a ter o apoio unânime da intelectualidade arquitetônica. Mas uma pesquisa nas fontes bibliográficas disponíveis pode comprovar que, mesmo assim, poucos arquitetos atuantes no período 1960-70, em qualquer parte do Brasil, deixaram de sentir sua influência em suas obras – o que é fácil de se constatar tomando-se o testemunho, não dos autores, mas das arquiteturas. Esse momentâneo alinhamento talvez se verifique porque o brutalismo representava então um “espírito de época” caracterizador da arquitetura moderna mundial daquele momento, não sendo o Brasil exceção, já que prosseguia naturalmente inserido e sincronizado com a cultura arquitetônica mundial.” (ZEIN, 2006).

O compromisso demonstrado com a utilização de materiais da região, associado à aplicação de princípios de conforto ambiental e eficiência energética, antecipa, de certo modo, a tendência e a necessidade atual de se praticar uma arquitetura comprometida com o meio-ambiente e com a sustentabilidade ecológica.

Porém, ao se constatar estes dois modos diferentes de produção do espaço arquitetônico, surgem dois questionamentos importantes: (1) Seria esta segunda tendência, um caminho em oposição à primeira, na definição da produção de um discurso arquitetônico mais incisivo – o da identidade regional? (2) As linguagens estabelecidas pelas duas direções fazem parte de uma mesma intenção arquitetônica, uma vez que são geradas pelo mesmo arquiteto?

Aparentemente não. Os edifícios públicos e comerciais trazem o conceito modernista, advindo da chamada *escola paulista brutalista*, conforme mencionado anteriormente, e ainda em certo momento mais no final de sua carreira, revelam até mesmo certas experimentações pós-modernistas, e que em algumas situações colocou em cheque algumas produções de arquitetos modernistas, como o próprio Rubens Gil.

Já as casas, estas permaneceram com sua essência arquitetônica mais ligada às raízes do lugar, explorando a linguagem característica da região, baseadas numa tradição da arquitetura colonial brasileira. Os projetos eram desenvolvidos como se fossem “pequenos clubes de lazer”, onde relações de amizade pudessem se desenvolver nesses espaços, como acontece na vida fora dos grandes centros, numa cidade que, apesar de ter se tornado a Capital do Estado, ainda guarda muito do estilo de vida do interior e onde o convívio social no ambiente familiar se mantém ainda muito intenso.

Independentemente das respostas que se possam buscar, é importante ressaltar que seu estilo de trabalho esteve muito interligado a fatores locais, começando pelo clima predominantemente seco e que varia de altas temperaturas a um frio muito intenso, à forte luminosidade, mas também e principalmente, ao modo de vida de seus habitantes e aos fatores econômicos e sociais ligados a Mato Grosso do Sul. Sobre esse assunto, Rubens Gil de Camillo comentou:

O que determinará a arquitetura de cada região é aquilo que chamamos de usos e costumes. O Brasil terá que achar uma maneira própria de ser, mesmo à frente de tendências internacionais. Em Campo Grande já se tenta nos projetos residenciais uma linguagem própria, mais que a reprodução das influências dos grandes centros. Está havendo nova exploração formal, onde a estética volta a ser importante. Dentro dessa nova concepção, estamos revendo as formas, mas não em termos conceituais. É importante perceber que ao contrário dos anos 60, quando o Brasil ditava moda, hoje estamos fazendo parte desse contexto mundial. Assim não irradiamos nada. (CAMILLO apud ALMEIDA, 1989).

Seria cabível, portanto, dizer que o arquiteto procurava estabelecer uma linguagem arquitetônica, por meio da qual os espaços propostos e também os elementos perceptivos de sua arquitetura pudessem ser interpretados como uma busca de afirmação da identidade sul-mato-grossense.

Nesse sentido, as residências projetadas por Rubens Gil parecem realizar a conexão entre a arquitetura modernista (do modo como a conhecemos em seu sentido mais amplo) e uma arquitetura mais regional, com raízes advindas da arquitetura colonial, e que também reflete a arquitetura das casas de fazenda, dos pesqueiros e das construções típicas do cerrado e do pantanal, explorando fortemente o uso do telhado, das varandas como elementos de proteção do sol e também das soluções estruturais de vigamentos de madeira bruta.

Cinco residências: em busca da significação arquitetônica e da identidade local

Antes de se discutir o que deve ser preservado, em termos de arquitetura e mais especificamente em termos de arquitetura modernista, é necessário identificar os objetos arquitetônicos passíveis de estudos e de avaliação qualitativa. No caso da produção de Rubens Gil de Camillo, o presente artigo se propõe apontar cinco exemplares de residências que formam um conjunto, apesar de separadas física e geograficamente, com certas semelhanças formais e funcionais, mas que, sobretudo, ilustram bem, no nosso entendimento, a questão discutida anteriormente sobre a utilização de conceitos modernistas internacionalizados e a fusão possível com o regionalismo, na busca da identidade regional.

A primeira casa que merecerá nossa atenção será a casa de praia do próprio arquiteto, localizada em Maranduba (1963), em Ubatuba/SP. A “casa do barco” como é popularmente chamada pelos caiçaras da região, devido ao seu telhado, foi projetada para atender o programa de fim-de-semana de uma família de cinco pessoas. Segundo matéria publicada na revista Acrópole⁴, o projeto foi desenvolvido de modo que suas funções fossem definidas no sentido de propiciar o melhor entrosamento entre as partes da residência, e que sua utilização fosse livre, despreocupada de tal forma que na maneira de viver, tudo se relacionasse, permitindo um convívio total. O conceito de “diversão” foi explorado, de modo que mesmo a preparação das refeições não fosse priorizada como uma necessidade, mas como um pretexto para as relações familiares. Por outro lado, a residência deveria ser integrada com o espaço exterior, permitindo acesso em todas as direções com ampla liberdade e sem qualquer compromisso com uma única entrada que levasse a mecanização de sua utilização. Nela o significado do telhado é muito importante, utilizando-se de metáfora para a construção de uma imagem arquitetônica ligada ao mar e às embarcações. Apesar de não ter sido construída em Mato Grosso do Sul, esta casa constitui-se de certa forma no elo de ligação em termos cronológicos, entre o movimento moderno

⁴ Matéria publicada na revista Acrópole nº 351, em junho de 1968.

e a tentativa de uma configuração volumétrica e espacial com a arquitetura do local, quase vernacular, e por isso foi escolhida como ponto de partida para o estudo (Figura 1).



Figura 1: Casa de praia do arquiteto – Maranduba
Fonte: acervo da família

Sobre esta obra, Yves Bruand em seu livro intitulado *Arquitetura Contemporânea no Brasil*, escreve:

Ela se resume em dois grandes telhados de duas águas (abrigoando respectivamente os cômodos e a garagem de barcos), apoiadas em paredes de aparelho grosseiras. A tônica recaiu nos materiais naturais: blocos de pedra amontoados de modo rústico e revestimentos de madeira ocultando os vigamentos da cobertura são os elementos essenciais da composição, quase os únicos que surgem à primeira vista; eles levam à concordância perfeita com o local selvagem e as montanhas que servem de pano de fundo. (BRUAND, 1981).

Já em 1981 a casa do arquiteto em Campo Grande/MS aproveita novamente o uso do telhado como elemento principal, desta vez, porém, em uma grande e única água, deixando nitidamente o uso do concreto aparente como elemento coadjuvante. Apesar do telhado principal se fazer presente como elemento de destaque, as empenas laterais escondem os demais telhados, numa concepção mais modernista. Por sua vez a cor branca em contraste com a cor característica das telhas de barro, cria o efeito perceptivo de conferir certa neutralidade aos volumes (Figura 2). Os espaços foram valorizados por um grande número de detalhes, tais como tirantes eliminando pilares no abrigo do carro e troncos lapidados funcionando como vigas no mezanino.



Figura 2: Casa do arquiteto – Campo Grande/MS
Fonte: acervo da família

As experiências estruturais com a madeira são também outra característica muito explorada pelo arquiteto e podem ser observadas na casa de Roberto Perez (1981) em Campo Grande/MS. A cobertura é sustentada por quatro pilares, onde os *balanços*⁵ de 6,5m para ambos os lados (perfazendo vão total de 15m, dado o afastamento de 2m entre os pilares) definem as áreas de convívio e de lazer (Figura 3). Cabe destacar que na parte íntima, localizada no nível mais baixo do terreno, a temperatura dos quartos é equilibrada por um espelho d'água no nível da varanda.



Figura 3: Casa Roberto Perez – Campo Grande/MS
Fonte: acervo da família

Na casa de Levy Dias (1982) em Campo Grande/MS, a madeira aparece também como elemento predominante, com seu uso explorado tecnicamente ao máximo, com bitolas de 20X30 cm utilizadas em vãos livres de até trinta metros, demonstrando novamente a busca de materiais e linguagem regionais, além, é claro, da característica preocupação estrutural diferenciada. A estrutura de concreto se faz presente onde necessária, e as vigas de aço que sustentam o

⁵ Em arquitetura, o termo balanço refere-se a uma estrutura horizontal com um único apoio de sustentação.

mezanino foram deixadas aparentes propositadamente, de modo a evidenciar o diálogo possível entre os diversos materiais utilizados. A solução em relação à proteção contra o sol do oeste foi criar um grande beiral de 5,5m em balanço, que protege toda a fachada. A casa foi implantada 3m acima da área de lazer, de modo a proporcionar a seus usuários uma vista privilegiada da varanda (Figura 4).



Figura 4: Casa Levy Dias – Campo Grande/MS
Fonte: acervo da família

Por fim, temos a casa de Sérgio Dias Campos (1987) também em Campo Grande/MS, onde o telhado aparece com um desenho original, que define o partido e cria uma varanda de 4,5m que protege e sombreia a casa. De cada pilar, saem vigas em “V” e tirantes de aço que sustentam a estrutura, reforçando a recorrente e requintada preocupação estrutural. O destaque fica mesmo por conta do desenho pontiagudo do telhado (Figura 5). Interrompido no meio, demarca a divisão entre os dois corpos da casa, um social, outro íntimo, ligados por uma pérgula de ipê que filtra e controla o calor e a luminosidade da tarde.



Figura 5: Casa Roberto Dias Campos – Campo Grande/MS
Fonte: acervo da família

Considerações finais

Pelas investigações aqui iniciadas, é possível perceber que obra deixada por Rubens Gil de Camillo é de grande importância para a arquitetura do Mato Grosso do Sul e para o país. Representa, não só a capacidade e o espírito empreendedor do arquiteto, mas a busca constante pela inovação, aliada à valorização da cultura regional, especialmente nos projetos das residências, exemplificadas neste artigo.

A preocupação de criar uma linguagem arquitetônica característica do estado adequada ao modo de vida da população e aos condicionantes locais, fez com que sua obra fosse amplamente divulgada, tornando-se muito conhecida entre os cidadãos sul-mato-grossenses, e que, portanto, merece ser devidamente estudada.

Estas e outras reflexões em relação à obra de Rubens Gil de Camillo se fazem necessárias para a compreensão e posterior a consolidação da arquitetura Sul-Mato-Grossense, com sua história, com suas raízes e sua evolução. Posteriormente deverão continuar a ser feitas, especialmente quanto à identificação das estratégias de projeto estabelecidas por sua arquitetura. Passados alguns anos desde sua morte (2000), é fundamental observar como sua obra ocupa posição de destaque, tanto do ponto de vista de especialistas como os arquitetos e urbanistas, como para os usuários de suas residências, e mesmo ainda para os meros observadores de seus prédios, ou seja, daqueles que realmente experimentam e interpretam as mensagens deixadas pelo mestre, ao transitarem pelas ruas de Campo Grande.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Suzete de. *Escritório*. In REVISTA AU, n. 21. Ed. Pini, 1989.

ARRUDA, A.M.V. *Rubens Gil de Camillo, 1934-2000: o arquiteto dos projetos em concreto aparente*. In *Arquitextos – Portal Vitruvius*, 2000. Disponível em <http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arc000/esp005.asp>, acessado em 10/05/2009. Às 18:00h

ARRUDA, A.M.V. *Pioneiros da Arquitetura e da Construção em Campo Grande*. Ângelo Marcos Campo Grande-MS: UNIDERP, 2002.

BRUAND, Yves. *Arquitetura Contemporânea no Brasil*. São Paulo: Perspectiva, 1981.

CAMILLO, Rubens Gil de. *Conforto Matogrossense* in REVISTA DESIGN INTERIORES, n. 34, ano VI, s/d.

ZEIN, Ruth Verde. *A década ausente. É preciso reconhecer a arquitetura brasileira dos anos 1960-70*. In *Arquitextos – Portal Vitruvius*, 2006. Disponível em http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arc076/arc076_02.asp. Acessado em 01/06/2009 às 14:30h.